

## A possível fórmula do Rolezinho

Guilherme Rocha Duran<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo averiguar o evento nomeado rolezinho enquanto sua constituição como fórmula. O arcabouço teórico que subsidia nossa pesquisa parte das contribuições de Krieg-Planque (2010), principalmente sua publicação de *A noção de “fórmula” em Análise do Discurso: quadro teórico e metodológico*. A pergunta que orienta nossas análises é: o termo rolezinho está ou não se tornando uma fórmula, e não se trata de dizer que sim ou que não, mas de destacar os elementos que confirmam ou refutam tal ideia. A partir das análises apresentadas, conclui-se que de fato este pode ser o nascimento de mais uma fórmula. Contudo, não podemos categorizar tal afirmação porque nosso *corpus* limita-se a enunciações feitas no plano da internet, principalmente no que diz respeito a manchetes de jornal e postagens coletadas do *Twitter*, e de imagens que recuperam manifestos e capas de revistas veiculadas no período. Levantamos principalmente essas duas fontes para análise por considerar que elas representam tanto a voz da ideologia do cotidiano quanto a ideologia oficial, termos delimitados pelo Círculo de Bakhtin.

**Palavras chave:** Fórmula; Ideologia; Rolezinho

**Resumé :** Le but de cet article est l’observation de l’événement nommé “rolezinho” en tant que sa constitution de formule. La base théorique qui supporte notre recherche s’appuie aux contributions de Krieg-Planque, surtout de son livre « *A noção de “fórmula” em Análise do Discurso: quadro teórico e metodológico* ». Pour guider nos pensées théoriques, nous nous posons la question sur la possibilité du terme Rolezinho devenir une formule. Cependant, il ne s’agit pas de fermer la question, mais de détacher les éléments qui confirment ou nient telle idée. À partir des analyses présentées, il est possible que rolezinho soit en train de devenir une formule. Pourtant, il n’est pas possible de l’assurer parce que notre *corpus* se limite à des énonciations réalisées sur l’internet, surtout en ce qui concerne les titres de journaux et posts récoltés du *twitter*. On rend en compte principalement ces deux sources d’analyse en considérant qu’elles représentent aussi la voix de l’idéologie du quotidien que l’idéologie officielle, des termes délimités par le Cercle de Bakhtine.

**Palavras chave:** Formule; Idéologie; Rolezinho

---

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. E-mail: guilherme.duran@uol.com.br.

## Considerações iniciais

Este trabalho se inscreve no campo Linguística Discursiva e da Filosofia da Linguagem, e pretende trabalhar com as contribuições de Krieg-Planque, presentes na obra *A noção de “fórmula” em Análise do Discurso: quadro teórico e metodológico*. Além de trabalharmos na perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, emprestamos de Bakhtin e da Análise Dialógica do Discurso alguns conceitos, de modo a estabelecer uma ponte entre as perspectivas teóricas em prol de um mesmo objetivo: assistir ao possível nascimento da fórmula Rolezinho. Pensamos em possibilidade do nascimento de tal fórmula porque nosso *corpus* não é saturado, condição para o estabelecimento da fórmula, de acordo com a autora.

Metodologicamente, pautamos nossas observações sobre as quatro principais características da fórmula, apontadas por Krieg-Planque (2010), e verificamos sua ocorrência principalmente de duas formas, no *Twitter*, rede social de microblogs, e também em jornais e revistas eletrônicos. Selecionamos os jornais como representantes das vozes “oficiais” porque alcançam maior número de pessoas, e valoramos como muito importantes por serem formadores de opinião. Também selecionamos o *Twitter* como modo de alcançar o pensamento do público a respeito dos rolezinhos, dando voz ao indivíduo opinante, em oposição ao formador de opinião. Dessa maneira, traçamos um fio de pensamento que materializa uma ponte entre vozes ditas oficiais, ou ainda, autorizadas, representadas pelos jornais e revistas, e as vozes não oficiais, emersas do plano da ideologia do cotidiano. As contribuições de Bakhtin nos guiam para a compreensão da ponte feita sobre o signo entre essas vozes, que possibilita a polêmica inerente à fórmula, contribuições tais reconhecidas na obra de Krieg-Planque (2010).

Antes de nos aprofundarmos nos delineamentos teóricos deste artigo, tratamos um pouco sobre o universo do *Twitter*. Como utilizamos a *hashtag* como ferramenta de busca e agrupamento das postagens a respeito do rolezinho no *Twitter*, vale-nos levantar alguns pressupostos sobre ela, a partir do que nos explicam Silveira (2013) e Ortiz (2013). Quanto ao primeiro, trata-se de uma rede social de microblogs em que o inscrito pode utilizar até 140 caracteres por postagem. O site da rede social apresenta a seguinte nota: “uma rede de informação em tempo real, usada por pessoas no mundo todo, composta por mensagens de 140 caracteres”<sup>2</sup>. Os usuários da rede têm a possibilidade de classificar seus *tweets*, ou seja, suas postagens no microblog, através de etiquetas de identificação do assunto que abordam em seus textos. As etiquetas são conhecidas por *hashtags*. Silveira (2013) ensina que uma *hashtag* é a associação do sinal # (*hash*, em inglês) a uma palavra de modo a formar uma etiqueta (*tag*, em inglês). A *hashtag* funciona como uma espécie de palavra-chave da postagem que, segundo Ortiz (2013), categoriza o *tweet* favorecendo uma dinâmica de recuperação dessa postagem por outrem através de um clique, o que oferece mais visibilidade ao que o usuário publicou em sua conta.

---

<sup>2</sup> Informação disponível em <https://support.twitter.com>, acesso em 30.01.2013.

Para legitimar nossa escolha pelo *Twitter*, seguimos na esteira de Ortiz (2013), que nos apresenta uma interessante compreensão acerca dessa rede social no que diz respeito ao modo como o microblog se relaciona com a televisão. Trata-se de um ambiente digital em que pessoas se expressam de maneiras diversas a respeito do que assistem na televisão, fazendo da *timeline*<sup>3</sup> uma análise em tempo real das reações do público frente aos conteúdos consumidos. A transposição desse raciocínio para o meio que pretendemos lançar nosso olhar é simples. O conteúdo consumido que analisamos não é necessariamente um produto da televisão, embora ela também possa se configurar uma fonte de saberes. O importante para este trabalho não é como se forma o conhecimento a respeito dos rolezinhos, pela televisão, jornal impresso, internet. O que nos cabe observar é justamente o registro das negociações de sentido no *Twitter* em contrapartida das vozes autorizadas, a respeito do tema aqui estudado. A diversidade de expressões deixa transparente que o sentido da fórmula em potência está em processo de regulação, de negociação, de formação. Sendo o *Twitter* um espaço mais ou menos democrático, podemos, com tudo isso, obter um extrato de posições sociais diversas, visto que fazem conta no microblog veículos midiáticos de massa e pessoas provenientes de diversas classes sociais, credos e culturas.

Ainda que o *Twitter* possa nos permitir o vislumbre do agenciamento da fórmula rolezinho, não basta a nós verificarmos que tal polêmica se instaura neste espaço, onde nos colocamos à escuta da voz do povo. Intentamos mostrar também como esse espaço é um representante das expressões no campo da ideologia do cotidiano, que por sua vez reflete as regulações que se dão no âmbito da ideologia oficial, almejada pela mídia profissional. Assim, colocamos como parâmetros de regulação do valor de rolezinho usuários do *Twitter* e a mídia digital e impressa, representando respectivamente as ideologias do cotidiano e oficial.

## 1. UMA PONTE ENTRE KRIEG-PLANQUE E BAKHTIN

Nossa empreitada toma por objetivo observar o possível nascimento de uma nova fórmula, e para isso, apoiamo-nos na obra de Krieg-Planque, *A noção de “fórmula” em Análise do Discurso: quadro teórico e metodológico* (2010). Ao mesmo tempo, por sentirmos que existe grande empatia teórica entre os estudos sobre fórmula e os sobre a enunciação, também nos debruçamos sobre alguns dos conceitos fundadores da fórmula a partir de discussões desenvolvidas pelo Círculo de Bakhtin, tomando principalmente por base a obra *Marxismo e filosofia da linguagem* (2012).

Durante a leitura do livro de Krieg-Planque (2010), podemos observar a delimitação de fórmula em vários momentos, como logo no início, em que a autora expressa o seguinte: “Por *fórmula*, designamos um conjunto de formulações que, pelo fato de serem empregadas em um momento e em um espaço público dados, cristalizam questões políticas e sociais que essas expressões contribuem ao mesmo tempo, para construir” (p. 9). A partir de diálogos estabelecidos principalmente com os estudos de Jean Pierre Faye, Marianne Ebel e Pierre

---

<sup>3</sup> Por este termo compreende-se o histórico de publicações do usuário e dos que ele segue no *Twitter* respeitando-se uma ordem cronológica e decrescente.

Fiala, a autora explora o conceito, que, dado o caráter deste trabalho, será enfaticamente reduzido e recortado, com vistas ao objetivo proposto para este artigo.

O livro de Krieg-Planque (2010) também apresenta um estudo sobre o assunto a partir das propriedades que constituem uma fórmula: o caráter de cristalização, o caráter discursivo, o caráter de referente social e o caráter polêmico. Faremos um breve apanhado de cada uma das delimitações propostas por Krieg-Planque para explorar o que circunda quando se fala de rolezinho.

### 1.1 Propriedades da fórmula

O primeiro aspecto que abordamos é o caráter de cristalização da fórmula. Ela tem como característica sua condição de ser contínua, de não se alterar. Vemos tal condição quando olhamos para a forma que a sustenta. O significante, como explica Krieg-Planque (2010), é relativamente estável, sendo tal significante uma forma simples ou complexa, a depender a variação da classificação da quantidade de lexemas que figuram determinada fórmula.

Apesar de toda essa estabilidade, a mesma autora explica que a cristalização de uma fórmula pode também ser aferida por meio de paráfrases, o que coloca a questão da fixação de uma entidade linguística em prova. De qualquer modo, fixo ou não, é importante ressaltarmos que enquanto fórmula, seu elemento observável também caracteriza uma ligação entre enunciados. O que podemos recuperar aqui é o aspecto dialógico e responsivo da linguagem. Cabe-nos, então, retomar a tão famigerada citação de Bakhtin (2012), que explica que a fala não é isolada, mas representa um elo na cadeia ininterrupta de falas. A fórmula explicita os enunciados que estão em cadeia, ela os recupera e os confronta. Essa compreensão pauta-se sobre o caráter dialógico e responsivo da linguagem a partir da perspectiva bakhtiniana. Tal elo entre os enunciados se dá, sim, por meio da materialidade linguística, mas acima de tudo, é a materialidade discursiva que age sobre a linguística, que faz com que ela tenha algo a conectar a outro algo.

Como promovemos neste trabalho através dos ensinamentos de Krieg-Planque (2010), a fórmula antes de ser linguística, é discursiva, o que possibilita tal oscilação lexical do sintagma da fórmula. Esse ponto especificamente nos guia para o próximo aspecto levantado pela autora: o caráter discursivo da fórmula. A autora orienta nossa compreensão no sentido de que as sequências podem ser fórmulas em potência, mas nenhuma delas nasceu com esse destino escrito. A exploração do tema é feita sobre a distância entre o discursivo e o linguístico. Este é o aspecto que também privilegiamos em nossa discussão a respeito do rolezinho.

Ao considerar o aspecto discursivo da fórmula, o analista deve observar o uso de uma sequência e não a sequência em si, se quiser observar as fórmulas, ou seja, deve observar novos usos e não aparição de novas sequências. É isso que implica considerar a fórmula como pertencente ao domínio discursivo e não linguístico.

Ainda que se afirme que o estudo da fórmula pauta-se no aspecto discursivo da linguagem, Krieg-Planque (2010) também ressalta que uma análise dos lexemas que

compõem a fórmula é uma das partes integrantes do processo de estudo de uma fórmula. Assim como os próprios lexemas, a autora convida a observar também as variantes que se desdobram a partir da fórmula. Ainda que tal indicação tenha sido feita quando ela discutia o caráter da cristalização, vale-nos retomá-la nessa discussão porque, ao explorar tais desdobramentos, tocamos no que concerne ao discurso.

A utilização de uma sequência enquanto fórmula implica outras duas características: o caráter de referente social e o de polêmico, que também abordamos também de modo breve.

O caráter de referente social da fórmula está ligado ao fato de ela significar a mesma coisa para todos num determinado momento. Para que isso seja possível, ela precisa ser visível a todos, precisa ser constantemente ativada, precisa ser notada. Tal notoriedade pode ser verificada, por exemplo, pelo aumento da frequência do uso desse signo, conforme explica Krieg-Planque (2010), em um *corpus*. Se a frequência aumenta, para ser considerada fórmula, sua ocorrência deve ser transitar em diversos tipos de discurso, do oral ao escrito, do leigo ao especializado. Ela deve migrar de sua formação discursiva original e transitar em outras formações discursivas. Isso nos ajuda a compreender se uma fórmula é ou não conhecida por todos, para então significar uma mesma coisa para todos. A autora apresenta um parágrafo que nos vale citar como um resumo desse pensamento:

A fórmula, enquanto referente social, é um signo que evoca alguma coisa para todos em um dado momento. Ela é conhecida na medida em que designa alguma coisa. A fórmula refere: ela remete ao mundo. É seu valor *de re*. Os índices que permitem dizer que se supõe que a fórmula refere a algo são muitos (KRIEG-PLANQUE: 2010, p. 98).

Se a fórmula precisa ser conhecida por todos e significar a mesma coisa para todos para ser elevada à categoria de fórmula, esse fato não se apresenta para ela como uma situação tranquila, no que diz respeito à estabilização do que ela significa. Ser conhecida por todos implica, antes de mais nada, um conflito de sentidos. Este é o caráter polêmico que ela carrega em si. Neste ponto, a própria Krieg-Planque (2010) contribui para um de nossos objetivos nesse trabalho: conjugar aspectos da teoria bakhtiniana com os postulados dela sobre a fórmula. Aqui está outro ponto de contato entre as teorias. Como a autora bem lembra, Bakhtin (2012) já dizia que a palavra é uma arena em que ocorrem lutas de classes. Trata-se de uma teoria de base marxista, e é justamente por isso que fez emergir em nós a proposta de tal conjunção teórica. Uma vez que estamos tratando de marcas do possível nascimento da fórmula rolezinho, vemos que a polêmica se instaura justamente no passar dela de uma classe a outra. Façamos uma breve retomada do conceito de signo para Bakhtin, com respaldo nas contribuições de Ponzio (2013).

O pensador italiano delimita signo como “um objeto material, um fenômeno da realidade objetiva, que adquiriu uma função ideológica” (2013, p. 174). Portanto, o signo tem como característica central ser sempre portador de uma ideologia. Considerando que a

ideologia é pertencente ao universo social, temos, na introdução de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2012), que

signo e sociedade estão indissociavelmente ligados. Todo signo é ideológico. [...] A palavra é o signo ideológico por excelência; ela registra as menores variações das relações sociais, mas isso não vale somente para os sistemas ideológicos constituídos, já que a “ideologia do cotidiano”, que se exprime na vida corrente, é o caminho onde se formam e se renovam as ideologias constituídas (2012, p. 16).

Através dos signos, as ideologias que os constituem dialogam com outras ideologias, delimitam-se a partir delas. Aquelas que regem a sociedade como um todo são chamadas dentro da perspectiva bakhtiniana de Ideologia Oficial, como o cristianismo, ou o capitalismo. A maneira como cada um lida com tais ideologias dentro do espaço de sua prática social, ou seja, a expressão informal dessas ideologias oficiais é o que Bakhtin chama de Ideologia do Cotidiano.

Nesse sentido, vislumbramos o efeito da dialogia, um dos aspectos centrais da teoria do Círculo de Bakhtin. O autor russo postula que o dialogismo é um traço inerente a toda manifestação de linguagem, que promove a interação de discursos entre sujeitos em prática enunciativa. Assim, o dialogismo garante a interação entre os sujeitos de uma sociedade. Quando dois discursos se confrontam em um signo, eles estabelecem uma relação dialógica. Para Bakhtin, as relações dialógicas “só são possíveis entre enunciados integrais de diferentes sujeitos do discurso” (2010, p. 323). Esses discursos comportam ideologias e se conformam a elas.

É a partir dessa intersecção entre Krieg-Planque (2010) e as teorias do círculo de Bakhtin que entendemos como as fórmulas se caracterizam pelo fundo sociopolítico que as sustenta, trazendo “questões que têm como consequência usos polêmicos e conflituosos da sequência” (KRIEG-PANQUE: 2010, p. 101). O próprio signo em si já traz sua polêmica interna. Nas palavras de Bakhtin,

Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as. (2012, p. 99)

Mas a polêmica que serve a fórmula ultrapassa os limites daquela interna antes proposta por Bakhtin. Trata-se de uma polêmica veemente, entusiasta. Para encerrar a discussão teórica, trazemos as palavras de Krieg-Planque (2010), novamente, para arrematar a ideia de que “o caráter polêmico da fórmula se manifesta particularmente nos tropeços dos

enunciadores durante a própria sequência, troços que são reveladores de algumas das questões que a fórmula oculta (p. 105).

## 2. ANÁLISE DO ROLEZINHO

### 2.1 O evento social

Este é o termo explorado neste ensaio. Nosso intuito é vislumbrar algumas características circundantes do rolezinho de modo a sugerir que estamos diante do nascimento de uma fórmula. Para começar, nosso primeiro movimento é descrever um pouco da história desse evento social que trouxe bastante polêmica em diversos âmbitos sociais.

O rolezinho nasceu com outro nome. Tratava-se de um encontro com fãs, promovido por donos de perfis em redes sociais com dezenas de milhares de seguidores. O objetivo do encontro era aproximar as fãs de seus ídolos. Os ídolos são, em geral, jovens das classes mais populares cujo gosto musical privilegiado é o funk, e dentro desse domínio, o funk ostentação. Esse gênero musical se caracteriza pela sustentação de uma imagem de consumidor de produtos que são considerados referência no mercado, condição atingida por critérios como qualidade e, principalmente, preços altos. Por isso, os *shoppings centers* tornam-se um lugar de passeio bastante pertinente àqueles que são devotos do sistema capitalista. Assim, como esses jovens já frequentavam os *shoppings centers* antes, os encontros foram marcados nesses espaços. Mas o evento cresceu, e foi atraindo cada vez mais gente, e em 7 de dezembro de 2013 aconteceu o primeiro rolezinho. O evento era organizado via rede social e realizado em *shoppings* da cidade, que contou com a presença de 6 mil jovens, segundo a imprensa.

A polêmica nasce a partir daqui. A grande quantidade de pessoas concentradas foi o primeiro passo para que o rolezinho ganhasse uma imagem ruim. Depois, registros de tumultos e furtos, menores consumindo drogas lícitas e ilícitas associadas ao evento, os *shoppings* conseguiram liminares que impedissem a realização do evento naquele espaço. Os desdobramentos dos passeios dos jovens que só queriam se encontrar foram tomando rumos, que tocavam temas como direito constitucional, preconceito de classe, racismo. Hoje, o assunto mobilizou a mídia de modo intenso, jornais online dedicam páginas exclusivas para tratar do assunto. A mídia impressa sempre levanta o tema, reforçando a ideia de que o momento é de discussão. Os espaços de discussão foram se multiplicando, e até o momento, temos políticos, músicos, apresentadores de televisão, jovens participantes do rolezinho, ONGs, protestos, sociólogos, filósofos, cientistas da linguagem que colocam em pauta o evento social que está mexendo com o povo brasileiro e dividindo opiniões.

### 2.2 Coleta do *corpus*

É considerando essa massiva crescente do interesse do brasileiro pelo tema, que nos colocamos a observar o vocábulo rolezinho e verificar se estamos assistindo, ou não, o nascimento de uma possível fórmula. Como não podemos determinar ainda se se trata ou não

de uma fórmula pela não saturação do tema, tal impossibilidade também afeta o modo de coleta do *corpus*. Portanto, as análises que aqui apresentamos partem de uma coleta que visa buscar destacar a ocorrência do termo rolezinho em movimento, dançando num salão que une na mesma música a voz o povo e a voz da mídia. Chegamos, inclusive a vislumbrar o termo galgando espaço na ideologia oficial.

A partir do que expusemos, apresentamos o recorte de nosso *corpus*, que se compõe de uma lista de 495 posts no *Twitter*. A seleção dos posts coletados foi feita pelo próprio site, visto que o critério de busca utilizado para tanto foi pela *hashtag* #rolezinho. O período compreendido na seleção é de 12 de novembro de 2013 a 12 de janeiro de 2014. Como o evento ganhou seu formato em 12 de dezembro de 2013, ao privilegiarmos um mês de antecedência e um mês de procedência, temos chance de averiguar o “comportamento” deste vocábulo. Além dos posts, também coletamos capas de revistas e manchetes de jornais online que nos permitem observar o caráter polêmico de tal candidato a fórmula. As análises que se seguem consistem em verificação da literatura, observação das manifestações discursivas acerca do tema, configurando um olhar interpretativo, enviesado pelos aspectos teóricos ora apresentados.

### 2.3 Análise

Para proceder à leitura interpretativa do evento do rolezinho, pautamos nosso olhar nos aspectos teóricos propostos por Krieg-Planque (2010) e também por algumas colaborações provenientes da Análise Dialógica do Discurso, com contribuições do Círculo de Bakhtin.

Para dar início, retomamos a citação de Krieg-Planque (2010): “Por *fórmula*, designamos um conjunto de formulações que, pelo fato de serem empregadas em um momento e em um espaço público dados, cristalizam questões políticas e sociais que essas expressões contribuem ao mesmo tempo, para construir” (p. 9). A expressão rolezinho constitui-se à medida em que se vê transformada nos diversos domínios. Uma das características levantadas sobre a fórmula é que ela é capaz de transitar entre diversos domínios da sociedade, e por essa mobilidade é que ela possui em si questões polêmicas. Uma maneira de averiguar isso é olhando ao redor e observar como a mídia jornalística trata do evento. Pela leitura de algumas manchetes, vemos esse percurso de cristalizar questões políticas no que diz respeito ao preconceito, ao racismo, à pobreza e às classes mais baixa na escala do poder de consumo. A ebulição do assunto está plenamente ativa e ainda não podemos saber se o conceito está saturado por conta do calor do momento social e histórico em que estamos.

Os gestos de leitura que se seguem buscam considerar as características da fórmula recortadas a partir de critérios metodológicos. Contudo, gostaríamos de esclarecer que não se pode observar uma fórmula a partir de uma leitura parcial. Por isso, ao tratarmos de um aspecto, automaticamente tocamos nos outros também. Como meio de facilitar nosso trabalho nessa abordagem, quanto para respeitar os limites impostos pela natureza deste artigo,

tratamos primeiramente das duas primeiras características levantadas: a cristalização e o caráter de referente social.

Conhecendo previamente o perfil de filiações ideológicas de extrema direita da revista *Veja*, podemos realizar uma leitura sobre o evento a partir dessa perspectiva. Eis que a seguinte matéria é postada no jornal:

*Rolezinhos: VEJA foi falar com os organizadores e participantes. Eles só querem se divertir – mas já surgiram os aproveitadores e baderneiros.*

A presença do advérbio *só* deixa clara a ausência de questões outras que encabeçam o rolezinho, como se sabe que é o que ocorre com o fato de que eles querem direito ao lazer. Depois, o advérbio já sugere uma leitura que era de se esperar a presença de baderneiros, só que talvez não tão cedo. A questão é que tal advérbio, do modo em que foi empregado, nos possibilita ver um claro diálogo com as manifestações de 2013, que ganharam respeito na mídia com a brecha de separar aqueles que têm propósitos políticos e os ditos baderneiros. O elemento *já* no título faz o braço que segura a ponte entre os dois eventos, de modo a recriminar a participação daqueles a quem chama de aproveitadores.

Neste ponto, podemos trazer as contribuições de Bakhtin. Quando o rolezinho é visto como um protesto, ele estabelece automaticamente uma relação dialógica com os protestos ocorridos no meio do ano de 2013. Isso ocorre principalmente porque o evento mais semelhante que ocorreu recentemente e que também uniu dezenas de centenas de jovens foi justamente os protestos encabeçados pelo Movimento do Passe Livre. Está, pois, estabelecido o elo discursivo entre os dois eventos, e tal elo figura materializado na forma de enunciado, da palavra, de expressão linguística e, portanto, posicionamento discursivo e ideológico.

Se a revista *Veja* não quer conferir ao rolezinho o perfil de protesto, então ela age diretamente naquilo que estabelece o vínculo entre rolezinho e protestos de 2013 – alguns aspectos que desenham o fundo discursivo do evento mais recente. Então, lemos o seguinte *lead* na reportagem:

*A ideia de que os rolezinhos são “protestos” e de que seus integrantes querem invadir os “shoppings dos ricos” é de quem não conhece a periferia. Os rolezeiros querem é se divertir, namorar e comprar roupas de marca. Tudo bem longe da “playboyzada”*

O uso das aspas em protestos coloca a palavra nas entrelinhas da ironia. Protestos que na verdade não merecem ser considerados como tal. De acordo com essa leitura, a ideia do protesto ganha uma etiqueta de sentido pretendido pelos participantes do evento, mas não alcançado segundo o olhar dessa revista. Além do mais, ao seguir a leitura, a revista usa aspas em “shopping dos ricos”. Outra vez, o laço com os aspectos sócio históricos que circundam o momento se dá no texto: um debate sobre o shopping ser ou não um espaço que pode ser frequentado por pessoas de classes sociais financeiramente desfavorecidas. A revista deixa a entender que sua posição é de que todos têm direito ao acesso ao espaço, sugerindo uma inclusão que é rompida pela própria classe, quando se lê o resto do *lead*, afirmando que os rolezeiros querem exercer seu poder de consumo longe da ‘playboyzada’. Está

definitivamente instaurada uma luta entre classes que se dá através da linguagem, de modo mais literal possível.

Destaca-se nessa manchete e respectivo *lead*, o posicionamento da revista em minar com o propósito do rolezinho se tornar um protesto. A foto da matéria é a de um famosinho em cima de um sofá, mostrando irreverência do entrevistado, com a seguinte legenda:

*“Retrato do “famosinho” Evandro Farias de Almeida, 20, na sala de sua casa em São Miguel Paulista. Evandro reúne fãs de sua página no facebook em “rolezinhos” nos shopping centers da Zona Leste de São Paulo.*

O uso da letra z em “famosinho”, a partir das ocorrências de ironia já identificadas, em mais um exemplar, em que a letra, registrando a discordância da norma culta, também é parte da fórmula, pois que se apresenta como variação da escrita que não atinge a oralidade, o que implica pensar que o escritor primeiro deve ter cometido um erro contra a norma culta. Ao mesmo tempo, ela dialoga com o “z” de rolezinho, que, neste caso, está empregado de acordo com a satisfação da norma ortográfica. Quando consideramos que tais valores são dignos de serem mencionados na análise é porque também consideramos a representação social que se desvela por trás de embates ortográficos nas redes sociais. Pensamos que o discurso não é da revista pela presença das aspas, ainda, que também podem indicar a introdução de um discurso outro.

Uma matéria de jornal bastou para exemplificarmos como o rolezinho está cristalizando uma questão social em pleno debate. O *site* Scup, que realiza estudos sociais em mídia digital na perspectiva mercadológica apresentou uma pesquisa que monitorou as *hashtags* #Rolezinho #Rolezim e #Rolê. Cerca de 34 mil postagens foram coletadas, e eles averiguaram que, numa abordagem de contagem sobre uma mostra de um por cento como representativa do todo, desses, cerca de 340 postagens, 71% delas foi considerada de teor neutro, enquanto 23% são classificadas como negativas e 6% positivas. 9% das postagens analisadas representam as mensagens classificadas como positivas. A partir dessas informações, nossa interpretação é que o *site* apresenta um outro lado da moeda, considerando a leitura realizada da manchete anteriormente debatida.

Krieg-Planque (2010) também relata que a cristalização pode ser aferida pela presença de paráfrases. Os lexemas da fórmula, então, ganham força com a presença de lexemas variantes, que a retomam, como rolezeiras e rolezeiros. Tais lexemas podem ser vistos em notícias, também, como um vídeo feito pelo canal de notícias Uol, com o título “DESCUBRA QUEM SÃO E O QUE PENSAM AS ROLEZEIRAS”, que visou entrevistar algumas participantes do rolezinho com perguntas sobre vestimenta e comportamento durante os passeios. A fala das meninas é composta lexicalmente de termos do campo relacionado à paquera e à beleza. Elas descrevem o que usam no evento e o que os meninos devem usar para se enquadrarem no perfil de rolezeiros e ficarem característicos para o rolezinho. Outras manchetes que podemos destacar estão, por exemplo, no site da Folha de São Paulo: “‘TV Folha’ traz protestos em SP, perfil de ‘rolezeiros’ e parque Augusta” “Rolezeiros filiam-se a entidade ligada ao PC do B”, ou do jornal O Globo: “FGV: 63% dos rolezeiros do Rio têm curso superior”. Em nossa coleta de postagens do Twitter, também temos ocorrências como

“@rafadrimarques @brumelianebrum Sem qq autoantiacademicismo, seria legal tb botar rolezeiros. Aqui no Rio, tão se organizando. #rolezinho”,

ou ainda

“Texto da @brumelianebrum sobre #rolezinho. Só não entendi pq, neste ponto, em vez de entrevistar rolezeiros, já botou antropólogo pra falar”, do perfil @BrunoCava.

Como podemos averiguar, o termo rolezeira, ou rolezeiro, deriva não somente do vocábulo rolezinho, ou rolê, mas também do momento sociohistórico em que ele é empregado, como nome do evento que reúne jovens da periferia em *shoppings centers*. É observando tais elementos que sugerimos o processo de cristalização do rolezinho. Assim como ressalta Krieg-Planque (2010), a fórmula não é uma questão linguística, mas discursiva, conforme pode ser depreendido pelo desdobramento lexical de rolezinho em rolezeiro e rolezeira, estes últimos como marcadores das identidades estereotipadas de participantes do evento. Verificamos também como esses eventos sociais retomam entre si, criando a cadeia de atos de fala, tornando possível que eles se liguem pelo fio discursivo, costurado com uma agulha linguística.

O caráter que discutimos agora é o da fórmula enquanto referente social. Como já estudamos em Krieg-Planque (2013), temos um referente social quando algo significa a mesma coisa para todos num determinado momento. Talvez não consigamos ver essa característica claramente definida porque o termo rolezinho ainda não está saturado e também por conta da outra característica da fórmula, que é a polêmica. De qualquer modo, a referência social que se levanta a partir do rolezinho é o evento social que levou um grande número de jovens da periferia aos *shoppings*. Ainda não está estabilizado um sentido que este tenha sido também um protesto. Para que essa condição de referente social se dê, como já dito, para que isso seja possível, ela precisa ser visível a todos, precisa estar constantemente ativada, precisa ser notada.

Um traço do sentido de reunião de jovens para bagunça que o rolezinho tem pode ser averiguado quando encontramos postagens no *Twitter* com conselhos que sugerem destinos como uma biblioteca no lugar de *shopping center*. Destacamos alguns que encontramos:

@mariocaporicci: Comentário e sugestão mais q perfeitos RT “@GarotaEndorfina: Vai dar um #rolezinho na biblioteca, filhote, pra ver se aprende algo q presta

@paulokhuri: Poderiam também fazer um #rolezinho na biblioteca, garanto que em São Paulo tem várias...

@aldosouza: #rolezinho na Biblioteca, alguém quer? Serviço voluntário empurrando cadeira de rodas em hospitais, que tal? Campanha de alimentos, talvez?

Esses comentários respondem ao fato de jovens se reunirem para um momento de descontração no *shopping*, direito de todos. No entanto, algumas pessoas se incomodam com

isso e sugerem passeios em bibliotecas e museus. Também existem pessoas que rebatem esse tipo de conteúdo nos comentários sobre o rolezinho. Vejamos alguns:

@samilla\_fonseca: "#Rolezinho na biblioteca você não quer né?" - sujeito que vive em shopping e raramente vai à biblioteca.

@barbaracristini: Gente... se marcarem um #rolezinho numa biblioteca, se for pobre, a 'puliça' senta o cacete do msm jeito. É questão de 'pele', sacou?!

O fato é que se existe espaço para ser dito que rolezinho deve ser feito na biblioteca ou críticas a esse tipo de pensamento, é porque se parte de um mesmo princípio, um saber compartilhado, que rolezinho é um passeio. Em geral, as postagens de natureza “vai para biblioteca” são feitas por pessoas da classe média que frequentam os centros de compras e se sentem de alguma forma incomodadas com a presença do outro. Esse é o um dos fatores que mais desencadeou polêmica sobre o assunto: o desconforto com a presença do outro, como se confirma ao vermos as seguintes imagens<sup>4</sup>:



Imagem 1



Imagem 2

Pensando em espaço para todos e democratização, reconhecemos que o local em que escolhemos coletar nossas informações talvez não seja o mais democrático possível para atendermos a esse critério de visibilidade da possível fórmula, porque não são todas as pessoas que possuem acesso a internet, ainda que essa condição venha se modificando no Brasil. De qualquer forma, ressaltamos como o assunto tem sido explorado nas mídias. Temos as informações de busca em dois jornais: O Estado de São Paulo publicou até o início de fevereiro de 2014 um total de 127 notícias sobre o rolezinho; Folha de São Paulo conta com 168 publicações. Se contarmos que o evento ganhou força na mídia em 12 de dezembro, podemos totalizar 60 dias decorridos do evento. O dobro de 60 é 120, e em ambos os jornais temos pelo menos um total que equivaleria a duas publicações sobre o assunto, por dia. No caso das revistas selecionadas, Veja e Época, a primeira possui um histórico de 223 publicações, enquanto a segunda apontou apenas 13 publicações a partir do sistema de busca.

<sup>4</sup> Legenda da Imagem 1: “Mais rolezinhos! Menos repressão, exclusão social e racismo! Anel.  
Legenda da Imagem 2: “Rolezinho: o nome do seu medo é racismo

Não dispomos, dada a natureza desse artigo, de ferramentas que nos permitam averiguar a ocorrência do vocábulo antes de 12 de dezembro, e por isso não podemos categorizar o aumento das ocorrências que essa palavra registra. Contudo, Krieg-Planque (2010) indica que o aumento da frequência pode ser sentido quando o termo passa a transitar em diversos tipos de discurso, migrando entre formações discursivas. Na ferramenta de buscas da revista *Época*, apesar de um número bem baixo, de 13 publicações, podemos averiguar justamente o termo migrando de um discurso a outro. Observemos as manchetes: *Rolezinho de designers; Os rolezinhos da Presidente; Rolezinho de Madame*. Nessas três manchetes, o termo *rolezinho* transitou entre as formações discursivas política, da moda e do design. Na revista *Veja*, temos, por exemplo: *Rolezinho ganha tom político e vira passeata*. Essa manchete manifesta a migração do termo aqui analisado para o sentido dos movimentos sociais, a exemplo dos ocorridos em junho e julho de 2013.

Ainda na mídia, podemos encontrar algumas publicações que contam com posicionamentos não apenas de jornalistas e participantes do evento, mas também de sociólogos que concedem entrevista sobre o assunto. Recolhemos algumas manchetes para exemplificar tal registro: no portal de notícias do Terra, temos a seguinte publicação: *Sociólogo: “Rolezinho” é passageiro, mas aponta necessidade*. No portal de notícias do Ig, temos: *“É crueldade de classes tratar rolezinho como arrastão”, diz sociólogo*. No site do Jornal do Brasil, podemos ler: *Para sociólogos, jovens de “rolezinho” buscam reconhecimento*. No site da Midiamax.com.br, lemos: *Sociólogo analisa “rolezinho”, explica preconceitos e cita apartheid social e racial*.

As manchetes levantadas referem-se à movimentação do *rolezinho* entre os meios especializado e leigo. Dessa forma, cumprimos outro critério que pode nos auxiliar a observar o *rolezinho* como o nascimento de uma nova fórmula. Ainda que tenhamos nos detido a publicações na internet, cremos poder ver como o aumento do uso do termo *rolezinho* está refletido em seu trânsito a outras formações discursivas, migrando também do leigo ao especializado. Tendo ela migrado de lá para cá, em cada uma dessas novas reinstalações, a produção de sentidos se renova, se transforma. Quanto mais formações discursivas o *rolezinho* figura, tantas mais são as interpretações a partir dos olhares múltiplos a ele lançados. Esse é o último caráter que analisamos, o de polêmica. É neste ponto que trazemos à tona algumas contribuições do filósofo russo Bakhtin, conjugando a Análise do Discurso de linha francesa e a Análise Dialógica do Discurso.

Ao pensar na polêmica travada a partir de *Rolezinho*, vale-nos pensar a quão explícita a luta de classes se faz nesse contexto. Para tal observação é que nos pautamos em Bakhtin, quando este diz que a palavra é uma arena em que as classes se enfrentam. Tratemos disso a partir de um exemplo citado no tópico anterior, uma manchete apresentando o posicionamento de um sociólogo: *“É crueldade de classes tratar rolezinho como arrastão”*. O que podemos observar é que o uso de *rolezinho* nasceu com a proposta de identificar um evento social realizado entre jovens de classes sociais menos favorecidas financeiramente. O termo que, a princípio, determinava apenas o evento, passou a ser referência de manifestação, preconceito e racismo. Vemos que tal transformação foi possível principalmente porque a palavra é o abrigo desta luta. Temos, de um lado, as classes sociais mais favorecidas, como a mídia, e as menos favorecidas, cada uma valorando o mesmo *rolezinho* a partir de seu ponto

de vista. Certamente, a ideia de arrastão representa um embate com a ideia de lazer, e as perspectivas representam um perfil social nesta arena. Para reforçar tal leitura, observamos a seguinte capa da revista *Época* (Imagem 1), e a capa da revista *Veja* (Imagem 2), ambas referentes à semana de 22 de janeiro de 2014.



Imagem 3



Imagem 4

Quanto à imagem 3, a polêmica se instaura na manchete principal, “A turma da algazarra”. Se, de um lado, o rolezinho é visto como um evento de lazer, uma manifestação social, de outro ele é visto como algazarra, o que posiciona a revista politicamente contra o movimento. É também interessante e pertinente observar que abaixo do título maior, tem-se “Os líderes da onda de “rolezinhos” que começou nos shoppings da periferia de São Paulo e chegou à mesa da presidente Dilma”. Também podemos atestar a migração do assunto entre os discursos mais variados, chegando à política central do país, à mesa da presidente. A capa sugere que o fato de o debate ter chegado à presidência do país se dá pelos problemas atribuídos ao rolezinho, como a correria nos shoppings, por exemplo.

Quanto à imagem 4, o tema central escolhido foi a adoção de dietas arriscadas, apresentada com os seguintes dizeres: “O SUCO VERDE FAZ BEM... mas o laboratório bioquímico do corpo humano é mais complicado do que os seguidores de dietas mágicas imaginam”. Como tema secundário, o Rolezinho é apresentado da seguinte forma: Falamos com os “parça” e as “mina” da periferia. Eles são “da hora”. Quanto a isso, destacamos algumas interpretações possíveis.

A revista privilegia um tema que tira do foco central o debate nacional sobre a frequência das classes populares em *shoppings* de São Paulo nos rolezinhos. Isso nos

coloca também frente à hierarquização de assuntos mais importantes para o momento. Ao priorizar uma matéria sobre dietas e colocar o rolezinho em segundo plano, a revista também se posiciona politicamente de modo a desvalorizar o movimento social que os rolezinhos representam. Outro modo de desvalorização do tema está na escolha lexical da manchete sobre a dieta. O uso da palavra “complicado” referido ao suco verde pontua a tensão da edição na matéria sobre dietas. A revista não mostra o tema rolezinho como um tópico de tensão tão significativo quanto as dietas. Reforçando essa ideia, temos o uso da caixa alta no título central da página, que sugere que discutir as dietas é mais urgente aos leitores da Veja do que refletir sobre problemas de classes sociais desamparadas. Assim, Veja constrói seu posicionamento político sobre o assunto ao mesmo tempo em que também delinea o perfil de seus leitores como não interessados na polêmica aqui debatida.

Ao pensar especificamente o público leitor, quando observamos o uso das aspas na frase sobre o rolezinho destaca que tais palavras não pertencem à norma padrão da linguagem, ao mesmo tempo em que marca a presença de um discurso que não representa a revista. Desse modo, *os parça* e *as mina* não são o público alvo da revista. Eles estão excluídos desse grupo, perceptível pelo uso do verbo falar na primeira pessoa do plural (falamos), que representa a revista. Assim, as aspas funcionam também como um marcador de identidades da revista e de seus leitores, em oposição ao grupo que é referido na reportagem.

Ao analisar as duas capas de revistas aqui apresentadas, levantamos um posicionamento que se confronta com as proposições feitas por sociólogos, também abordadas neste trabalho. Se para os estudiosos o rolezinho representa um movimento social que visa lançar atenção sobre as classes sociais mais baixas, para as revistas não se trata da mesma coisa, e sim de um movimento de bagunça que gera insegurança nos locais de compras preferidos das classes mais altas. Todo esse embate está presente na arena da possível fórmula do rolezinho.

Assim encerra-se o percurso proposto neste artigo, de averiguar os aspectos da fórmula elencados por Krieg-Planque (2013), pautados na intenção de verificar os elementos que podem confirmar o nascimento de uma fórmula.

### **Considerações finais**

As fórmulas manifestam-se no discurso de acordo com a maré social de onde elas emergem. Estamos em um momento de discussão de um dos eventos que marcaram a passagem do ano de 2013 para 2014. Nossa questão central foi a de averiguar se estamos ou não presenciando o nascimento de uma nova fórmula. Para tanto, pautamo-nos nas contribuições teóricas de Krieg-Planque (2010) que nos auxiliaram na leitura do *corpus* coletado e analisado. Depois de verificar cada uma das quatro características da fórmula proposta pela autora, a saber, o caráter de cristalização, o caráter discursivo, o de referente social e o de polêmica, reforçamos nossa hipótese sobre o surgimento da fórmula, porque tais características são aplicáveis quando voltamos nossa atenção para o que caracterizou-se ser o rolezinho.

O rolezinho é um tema que passou a ser recorrente em várias classes sociais, em vários veículos de informação, passou da ideologia do cotidiano para afrontar a ideologia oficial, saiu da boca da mídia jornalística de extrema direita, rebateu na de esquerda, foi parodiada,

parafrazeada para incentivo de projetos como doação de sangue, etc. Mas não se define o que é, ou foi, o se pretendeu ser, em quê se transformou o rolezinho.

Podemos verificar que a negociação do sentido do rolezinho é constante. As vozes no *Twitter* expressam acordo e desacordo com a realização do evento. As revistas analisadas mostram-se na função de registrar a ocorrência, mas não o legitimam enquanto movimento social. Ainda que o propósito dos rolezinhos não tenha sido o de confrontar a sociedade reivindicando um espaço que lhes é de direito, não podemos negar que a presença desses jovens abra espaço para tal debate. Mas, o que vemos nas revistas são apenas matérias e reportagens que não creditam valor de movimento social em tais acontecimentos, e sim uma constante crítica ao comportamento dos jovens ou uma menção sutil à formação política deles.

Pensar que o caráter de referente social está completo para o rolezinho não é uma verdade que possa ser dita. Os ventos dessa discussão ainda contornam um tornado de sentidos provocados pela polêmica em torno da discussão. Aliás, a polêmica se estabelece tão fortemente que ainda não podemos definir exatamente qual é o sentido compartilhado do rolezinho para todos os grupos sociais.

Não podemos afirmar tacitamente que se trata de um manifesto, porque as vozes autorizadas resistem em instituí-las como tal, ainda que o evento apresente características típicas de manifesto. Podemos, por ora, averiguar a polêmica instaurada sobre o assunto, nas pegadas deixadas pela multidão de jovens que participam do rolezinho. Portanto, cabe-nos apenas ressaltar que não pudemos ainda responder se o rolezinho está ou não se transformando em fórmula, mas podemos enfatizar que ele está no caminho para isso.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

KRIEG-PLANQUE, A. *A noção de “fórmula” em Análise do Discurso: quadro teórico e metodológico*. São Paulo: Parábola, 2010.

ORTIZ, J. Futebol televisionado e recepção no twitter. *Interin*, Curitiba, v. 15, n. 1, p. 19-34, jan./jun. 2013. Disponível em <<<http://interin.utp.br/index.php/vol11/article/view/276>>>. Acesso em 30. Jan.2014.

SILVEIRA, J. Análise discursiva da hashtag #onagagné: entre a estrutura e o acontecimento. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 6, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: 2013. s/p. Disponível em: <<<http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/6SEAD/SIMPOSIOS/AnaliseDiscursivaDaHashtag.pdf>>> acesso em 30.jan.2014.

PONZIO, A. *No círculo com Mikhail Bakhtin*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013.